



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Empresa Editora: Tip. "União Gráfica", T. do Despacho, 16-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração "Santuário da Fátima,"

CRÓNICA DE FATÍMA (13 DE MARÇO)

Fátima e a oração

Se existe sobre a face da terra um santuário que com justo título se possa chamar, por antonomásia, o santuário da oração, em que as almas se elevam quasi sem esforço, perene e fervorosamente, até ao trono de Deus, é, sem dúvida, o maravilhoso santuário de Nossa Senhora de Fátima.

A excelsa Rainha do Santíssimo Rosário, dignando-se aparecer, há dezassete anos, no cume da Serra de Aire, em pleno coração de Portugal, para salvação da nossa Pátria, quis acender ali, naquela estância mais próxima do Céu, um foco intenso de vida interior, de vida sobrenatural e divina, que irradiasse por toda a parte, até às fronteiras do território nacional e até aos confins do universo.

Nas suas raras aparições, a Virgem sem mancha, de cujas mãos benditas pendia um rosário, parece não ter tido nada mais a peito do que proclamar altamente, com a sua atitude e com as suas palavras, a necessidade imperiosa da oração como meio de alcançar o perdão das culpas individuais e das iniquidades colectivas e de atrair as graças e as bênçãos de Deus.

Ela recomenda aos três videntes que rezem o terço do Rosário e propaguem em torno de si esta bela e admirável devoção, que é tão cara ao seu coração maternal e tão útil e salutar às almas.

Ela ensina-lhes uma pequena prece, ao mesmo tempo tão breve e tão completa, tão concisa como profunda, que resume e sintetiza as supremas necessidades espirituais do homem no seu estado de viador sobre a terra e no limiar da eterna bem-aventurança: «Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e aliviai as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas».

E hoje, nas cidades, vilas e aldeias, quer do nosso país, quer de muitos países estrangeiros, milhões de bocas piedosas repetem muitas vezes cada dia essa súplica, verdadeiro soluço de alma, intercalada nas dezenas do Saltério Mariano.

Finalmente, ela assegura a Lúcia e à Jacinta o dom preciosíssimo da predestinação à glória, mas ao mesmo tempo declara que o Francisco só será admitido na mansão dos eleitos, se rezar o terço, vencendo generosamente a tibieza espiritual e intensificando a sua vida de piedade.

E, quando manifesta o desejo de que na Cova da Iria seja edificada uma capela em sua honra, sob a invocação do Santíssimo Rosário, que é que isso significa senão que a gloriosa Mãe de Deus, descendo à terra que se ufana de ser a terra de Santa Maria, quis suscitar em Fátima uma casa de oração fervorosa e incessante — oportet semper orare et non deficere, — um templo grandioso e magnífico, em que legiões de almas vindas de toda a parte elevassem cheias de fé e confiança as suas preces e os seus suspiros para o Céu, um santuário augusto e venerando que fosse o santuário da oração por excelência?

E são por certo as súplicas ardentes de tantas almas piedosas feitas naquela estância privilegiada da Rainha dos Anjos, as suas penitências, os seus sacrifícios e as suas imolações compensadoras, que explicam por que é que o Santuário de Fátima merece o título que lhe foi dado de Santuário dos milagres morais, isto é, das curas espirituais, das ressurreições de alma, das assombrosas conversões de grandes e inúmeros pecadores. Mas não bastam as orações individuais, mesmo quotidianas, nem sequer as súplicas colectivas periodicamente dirigidas a Deus em grandiosas e comovidas manifestações de fé e piedade para que

a Lourdes portuguesa cumpra a sua altíssima missão, realizando plenamente os desígnios adoráveis da Providência ácrca da nossa Pátria.

Nessa morada encantadora do Rei e da Rainha de Fátima, nessa Betânia querida de Jesus-Hóstia e de Nossa Senhora do Rosário, urge colocar verdadeiros pára-raios, que dum modo permanente afastem de Portugal os golpes de Justiça divina que o ameaçam por causa dos crimes de muitos dos seus filhos, urge estabelecer núcleos de almas escolhidas que com o ouro da sua caridade, o incenso das suas orações e a mira das suas penitências e das suas reparações, aplaquem e tornem propício o Céu, atraíndo sobre esta terra, que foi outrora terra de heróis e de santos, e sobre o mundo inteiro, torrentes de graças e caudais de misericórdia...

Visconde da Montelo

po da Quaresma, quadra litúrgica destinada pela Santa Igreja ao cumprimento do duplo preceito da confissão anual e da comunhão pascal, o número de penitentes que desejavam fazer a *desobriga* era assaz elevado, não tendo os sacerdotes podido confessar senão homens durante toda a manhã e sendo preciso administrar o Pão dos Anjos a muitas pessoas ainda depois das quatro horas da tarde.

Sem embargo das bategas de água, que de vez em quando caíam com violência, inundando o vasto anfiteatro da Cova da Iria, realizaram-se os actos oficiais do culto na forma costumada, incluindo as duas procissões com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Ao meio-dia e meia hora, depois de rezado o terço do rosário na capela comemorativa das aparições, celebrou-se a missa dos doentes, que foi acolitada pe-

mo de costume, com um fervor e um entusiasmo indescritíveis e no meio da comção geral.

No fim da missa dos doentes, foram anunciados o retiro para os médicos, farmacêuticos e enfermeiros, que tinha sido marcado para o princípio da semana santa, e o retiro dos Ex.^{mos} Prelados Portugueses, que deve realizar-se na segunda quinzena do corrente mês de Abril.

Um grande devoto de Nossa Senhora de Fátima

No dia vinte e quatro de Fevereiro, às cinco horas da manhã, na sua residência de Lisboa, chamava o Senhor à sua divina presença, na avançada idade de oitenta e quatro anos, a alma eleita do distinto médico e abastado proprietário, dr. Francisco da Costa Falcão.

Chefe exemplar duma família profun-

pela chamada lei da separação, e subsidiar inúmeras obras de caridade e beneficência na capital e fora dela.

Um dia em que, à tarde, após o jantar, passeava, em companhia de seu filho mais novo, que era então o estudante mais classificado do seu curso no Instituto Superior de Agronomia e que é hoje aluno distintíssimo do Seminário Maior do Patriarcado com sede nos Olivais, como para se desculpar de satisfazer os contínuos pedidos de auxílio dos pobres que, conhecedores da sua inesgotável generosidade, a cada passo se lhe dirigiam, disse que, do mesmo modo que um célebre escritor francês protestava que não havia de deixar passar um dia sem escrever ao menos algumas linhas — *nulla dies sine linea* — também ele não queria que passasse um só dia sem dar uma esmola, exprimindo o seu pensamento na língua de Cícero, como bom latinista que era: «*nulla dies sine elemosyna*».

Eram admiráveis a sua delicadeza de consciência e a sua pureza de intenção. Vestia um encanto especial a sua piedade, ao mesmo tempo sólida e profunda. Todos os dias assistia devotamente ao Santo Sacrifício da Missa e recebia a Sagrada Comunhão com um fervor edificante. Tinha uma grande devoção a Nossa Senhora de Fátima, o que o levou a solicitar da competente autoridade eclesiástica que a capela do seu palacete, uma das mais lindas de Lisboa, onde se conservava dum modo permanente Jesus Sacramentado, que ele amava com ternura e visitava freqüentes vezes durante o dia, fosse colocada sob a sua invocação e a adquirir para expor ao culto no altar-mór uma formosa e artística estátua da celeste Aparição, feita pelo célebre escultor Tedim, de Santo Tirso de Coronado.

Possuía, como poucas pessoas, mesmo das mais piedosas, uma compreensão exacta e nítida da importância e necessidade do espírito e das obras de reparação e expiação para satisfazer os direitos e exigências da justiça divina, ofendida pelos pecados dos homens, e fazer descer sobre a terra torrentes de graça e de misericórdia.

Encarou sem temor, com uma serenidade e uma confiança extraordinárias na bondade de Deus, a aproximação dos últimos momentos. Ele próprio pediu espontaneamente os Santos Sacramentos, recebendo-os com as mais admiráveis disposições.

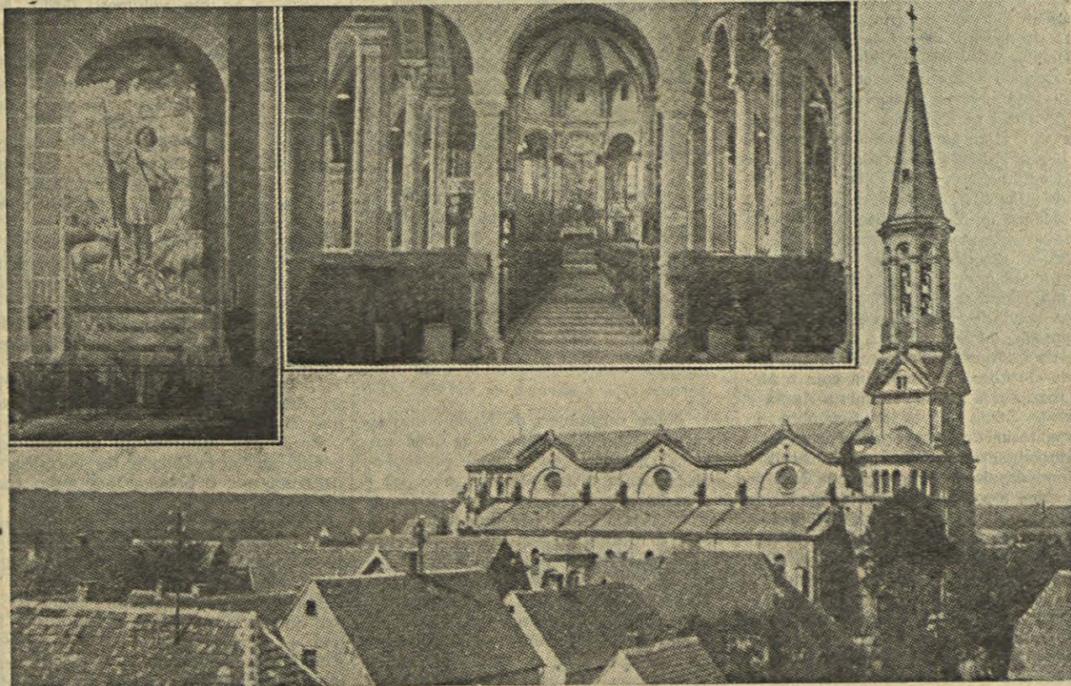
A sua morte foi verdadeiramente a morte dum justo.

Rico como era, mas fazendo tão belo uso dos bens da fortuna com que a Providência o favoreceu, quis que os seus despojos mortais, amortalhados no humilde hábito de S. Francisco e encerrados num pobre caixão, descessem a uma campa rasa, num funeral em que as únicas pompas eram as lágrimas dos pobres e as manifestações de pesar e saudade dos amigos.

Que descanse em paz, no seio misericordioso de Deus, entre os esplendores da luz perpétua, o espírito formosíssimo do grande homem de bem e modelo de cristãos que foi o dr. Francisco da Costa Falcão!

«Fátima, im Lichte der kirchlichen Autorität»

Sob este sugestivo título que, trasladado para vernáculo, quer dizer «Fátima à luz da autoridade eclesiástica», acaba de sair à luz da publicidade, em segunda edição, o último livro do rev.^{do} dr. Luis Fischer, professor de História Eclesiástica na Universidade de Bamberg (Alemanha).



Igreja de Forst, perto de Bruchsal, Baden, arcebispo de Friburg (Alemanha) cujo Pároco Rev. Johann Schmitt adquiriu e expôs à veneração dos fiéis a imagem de Nossa Senhora de Fátima do escultor português Thedim.

Foi benzida pelo Sr. Bispo de Leiria e esteve na capela das Confissões do Santuário de Fátima.

Nesta freguesia o Rev. Dr. Fischer fez no inverno de 1931/32 três conferências sobre a Fátima com auditório de 2.800 pessoas

O dia 13 de Março em Fátima

A pesar da inclemência do tempo, triste, agreste e chuvoso, o concurso de peregrinos ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima, no dia treze de Março último, foi bastante numeroso e até superior a toda a expectativa. Logo às primeiras horas da manhã, o vasto templo da Penitenciaría se encheu de fiéis de ambos os sexos, ansiosos de se reconciliarem com Deus por meio duma confissão fervorosa, para o poderem receber escondido no seu Sacramento de Amor, a uma das missas do dia, celebradas naquela estância privilegiada pela Augusta Rainha dos Anjos com toda a sorte de graças e bênçãos celestes.

Como estava decorrendo o santo tem-

pos srs. tenente-coronel Pereira dos Reis, e dr. Carlos de Azevedo Mendes, advogado e provedor da Misericórdia de Torres Novas.

Ao Evangelho, subiu ao púlpito o rev.^{do} Dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão-director dos Servitas, que, durante mais de meia hora, pregou sobre penitência e a confissão sacramental, exortando os seus ouvintes ao arrependimento dos pecados e à prática duma vida verdadeiramente cristã.

Os doentes, que nesse dia eram em número muito reduzido, receberam a bênção com o Santíssimo Sacramento, alinhados no átrio do Pavilhão, do lado do Evangelho.

O «Adeus à Virgem» efectuou-se, co-

damente cristã, espôso amantíssimo e pai extremoso e desvelado, carácter diamantino, de antes quebrar que torcer, a nobre figura, que ora desapareceu da scena do mundo, era um modelo vivo e acabado das mais raras e declaradas virtudes cívicas e morais, que o impunha ao respeito e veneração de todos quantos tinham a ventura de o conhecer e de com ele tratar intimamente. A sua casa era, em todo o rigor da expressão, a casa dos pobres. Não havia miséria que esse homem de coração generoso e compassivo não procurasse aliviar, não havia dores que não se esforçasse por mitigar, não havia lágrimas que não tentasse enxugar, e a sua bolsa abria-se larga e munificente para acudir às necessidades da Santa Igreja, privada dos seus bens materiais

Quando appareceu a primeira edição, a «Voz da Fátima» deu-se pressa em fazer-lhe uma larga e merecida referência, indicando as epígrafes dos capítulos e aludindo aos assuntos neles versados. Desta edição publicou em 1932, o rev.º dr. Sebastião da Costa Brites, ilustrado e zeloso pároco da Sé Catedral de Leiria, uma tradução esmerada, de que se fez uma tiragem de cinco mil exemplares quasi esgotados.

No ante-prefácio que para ela se dignou expressamente escrever, o venerando Prelado de Leiria declara que, aprovando-a, tem em vista:

1.º Mostrar o carinho da Padroeira dos portugueses por esta terra que é sua, tornando o nosso país conhecido e amado em todo o mundo; e

2.º demonstrar mais uma vez que Fátima ou é uma obra sobrenatural ou não tem razão de ser.

A nova edição desta obra, em que o seu illustre autor oferece aos católicos de língua alemã a narração documentada e eloquente das maravilhas que a Santíssima Virgem tem operado em Fátima, é, como a primeira, enriquecida com esplêndidas gravuras de página e dedicada a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Dom José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, de quem insere um primoroso retrato.

O volume «Fátima im Lichte der kirchlichen Autorität», magnificamente apresentado nesta segunda edição, ainda mais que na anterior, foi acrescido de trinta e três páginas e teve uma tiragem de três mil exemplares.

Ao grande e querido apóstolo das glórias e das misericórdias da excelsa Rainha de Fátima entre os povos da língua alemã agradece profundamente reconhecido o autor destas notas a cativante oferta dum exemplar de tão precioso livro, assim como à amável e affectuosa dedicação que a sua sincera e nunca desmentida amizade nele houve por bem exarar.

Visconde de Montelo

O Patriarca S. José e Dom José, Bispo de Leiria, no «Bote von Fátima»

O último número do «Bote von Fátima» (Mensageiro de Fátima), suplemento do importante mensário «Die Schildwache (A Sentinela)», de Basileia, Suíça, correspondente ao mês de Março findo, publica, juntamente com algumas esplêndidas gravuras, quatro artigos magistrais sobre o glorioso Patriarca S. José, chefe da Sagrada Família e Padroeiro da Igreja Universal.

Esses artigos, um dos quais pelo menos é devido à pena vigorosa, colorida e scintilante, do rev.º dr. Luís Fischer, o grande apóstolo de Fátima nos países de língua alemã, focam particularmente as relações do maior de todos os santos com o santuário da Lourdes portuguesa e com a missão confiada pelo Céu ao venerando Prelado de Leiria, cujo nome de baptismo é precisamente o do augusto Pai nutridor do Divino Redentor.

O presente número da «Voz da Fátima» insere a tradução portuguesa dos quatro referidos artigos, verdadeiras jóias literárias, que sem dúvida serão devidamente apreciadas pelos nossos leitores.

Dum modo especial chamamos a atenção destes para os artigos subordinados respectivamente aos títulos «S. José em Fátima» e «Beatus vir — Um homem feliz», este último assinado pelo distinto professor da Universidade de Bamberg que, consagrando o número de Março do «Bote von Fátima» a S. José e, honrando deste modo o glorioso Patriarca, quis prestar ao mesmo tempo uma gentil e delicada homenagem de consideração e estima a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, illustre e venerando Bispo de Leiria.

Certamente no espírito de muitas pessoas causará funda impressão a notícia do papel que S. José foi chamado a desempenhar nas aparições de Fátima e que o autor do artigo «S. José em Fátima» põe justamente em relevo, com brilho de exposição e rigor de lógica, graças à robustez da sua intelligência, à delicadeza da sua piedade e aos recursos inexgotáveis da sua profunda e vasta erudição.

São José a Dom José

Os alunos do Seminário Episcopal de Leiria, no intuito de festejar o onomástico do seu venerando Prelado, que os considera e estima como as pupilas dos seus olhos, resolveram realizar, no dia 19 de Março findo, uma academia literário-musical em honra do glorioso Patriarca S. José.

Nessa festa encantadora, a que se dignou presidir Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo e que foi revestida dum brilho extraordinário, os alunos do curso de inglês dirigiram-lhe na língua de Shakespeare e de Milton um veemente apelo, que é um autêntico mimo literário, cujo traslado em vernáculo não resistimos à tentação de reproduzir, porque sempre dá uma ideia, embora pálida, da sua singeleza, graça e originalidade.

Apelo de S. José a S. Ex.ª Rev.ª o nosso querido Bispo de Leiria

«Visto que sou o seu patrono, dirijo-me a Vossa Excelência Reverendíssima na pessoa dum dos seus seminaristas, no dia da minha festa, afim-de lhe pedir que eu não seja esquecido na estância bemdita de Fátima onde a Santíssima Virgem, minha Esposa, é tão glorificada.

O Senhor Deus Onipotente confiou aos meus cuidados sua Mãe e seu Filho enquanto viveram sobre a terra e depois collocou-me ao pé deles no Céu.

Sou o Padroeiro da Igreja Universal e amigo muito particular de Portugal.

Portugal, que honra em tão alto grau Maria Santíssima, não pode agradecer-lhe inteiramente se não me der um cantinho em Fátima. Coloque-se a minha estátua ou a minha imagem ao pé da minha Esposa Maria numa das capelas do Santuário e eu prometo com Maria e nosso Divino Filho não esquecermos Vossa Excelência Reverendíssima, as suas grandes

obras pela salvação das almas, os seus bons padres, o seu excelente e querido Seminário e a diocese em geral, visto que o meu nome é o de Vossa Excelência, muito respeitado e estimado Dom José, Bispo de Leiria».

Como era de esperar, o nobre Prelado de muito boa vontade respondeu afirmativamente, acrescentando que esperava em breve realizar os desejos do seu Santo Patrono que tanto venerava e a quem tanto devia.

O autor destas linhas há já alguns anos ouviu Sua Excelência Reverendíssima manifestar a intenção que tinha de reservar para o Santo Patriarca um lugar condigno no vasto anfiteatro do recinto das aparições.

O apelo graciosamente feito pelos seminaristas em nome de S. José vem, pois, ao encontro desse ardente anelo, desse projecto tão acarinhado, tornando-o ainda mais vivo, se é possível, e apressando porventura a sua effectivação.

Visconde de Montelo

S. José em Fátima

De todas as criaturas nenhuma está mais próxima da bemdita Mãe de Deus que o seu casto Esposo S. José, que foi durante a vida seu fiel sustentador e protector, bem como do seu divino Filho. S. José partilhava as alegrias e as dores de Maria. Indissolavelmente se encontrou ligado à sua Esposa e Rainha até que a morte os separou.

As aparições do bemaventurado José são raras. Assim como durante a vida fugiu da notoriedade, — se bem que a parte que tomou na Obra da Redenção fôsse tão importante, assim na história da Igreja raras vezes aparece no primeiro plano.

Fátima pode gloriar-se de ser também um lugar de aparições e graças de S. José.

Na verdade, assim devia ser: Onde sua Santíssima Esposa apparece, ali se deve encontrar também S. José.

Os devotos do benigníssimo Santo leirão, pois, com especial alegria de coração, as seguintes linhas. Ouçamos:

Estava-se em Agosto de 1917. Os três pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta, haviam regressado a casa dos pais, da prisão para onde no dia 13 desse mês, antes da hora em que costuma verificar-se a aparição da Virgem, tinham sido levados pelo administrador de Vila Nova de Ourém, o mação Artur de Oliveira Santos. Tinha-lhes este proibido que voltassem à Cova da Iria. Por isso, no dia 19 de Agosto, depois da Missa, — era um Domingo, — levaram-nos o gado para o campo, a um lugar chamado Valinhos. Sem demora appareceu-lhes ali a Mãe de Deus que disse a Lúcia, a mais velha das crianças: «Quero avisar-te de que deves voltar à Cova da Iria. Se te não tivessem levado à vila (Vila Nova de Ourém), o milagre tornar-se-ia mais conhecido. Viria também S. José com o Menino dar a paz ao mundo».

O rapto dos pastorinhos tinha não só frustrado a aparição da Mãe de Deus, mas também a de S. José, a qual, Maria na sua bondade tinha planeado. Todavia, na aparição de Setembro, a Mãe de Deus prometia aos pastorinhos: «No último dia (13 de Outubro) S. José virá com o Menino para dar a paz ao mundo.» Assim o declarou Lúcia a 15 de Setembro no interrogatório do pároco de Fátima.

Efectivamente, no dia 13 de Outubro de 1917, depois de a aparição da Mãe de Deus sobre a azinheira se ter apagado, de novo appareceu à direita do sol a Rainha do Rosário e, do lado esquerdo do sol, S. José com o Menino Divino, de forma que o Menino, — o Sol da humanidade, — se encontrava entre Maria e José.

Maria trazia nessa aparição um vestido branco e um manto azul e S. José e o Menino vestiam de vermelho.

Segundo o parecer dos pastorinhos o Menino Jesus teria cerca de dois anos de idade. Tendo S. José posto o Menino sobre o braço esquerdo, abençoou o mundo repetidas vezes com o direito, fazendo com ele três ou quatro cruzes. Até aqui a narrativa dos pastorinhos.

Que nos diz a aparição do bemaventurado José em Fátima? «S. José virá com o Menino Jesus dar a paz ao mundo.» Assim annunciou a Rainha do Rosário a aparição de S. José.

Onde S. José estiver, aí estará a paz. É uma verdade incontroversa, uma verdade que a vida do Santo com toda a clareza atesta. Paz não somente na tranquila casinha e na íntima família de Nazaré, paz não só na felicidade de Belém, paz mesmo na dolorosa fuga para o Egipto, paz na pobreza e nas dificuldades, paz também na hora iluminada da sua morte bemdita.

S. José dará, portanto, paz a todos aquêles que o procurarem, atódos os de boa vontade.

Não a paz do mundo, mas a paz do seu Filho adoptivo. O próprio Jesus mostrou aos Apóstolos a grande diferença que há entre a sua paz e a paz do mundo. «Deixo-vos a minha paz, dou-vos a mi-

nhá paz. Não uma paz como o mundo vos dá, vo-la dou eu.» O mundo não dá de facto paz alguma. Mas na devoção a S. José e aos Apóstolos encontram a paz os homens que vivem em Jesus Cristo, ainda que em volta deles rujam tempestades.

Não é esta mensagem de paz íntima, da paz do homem unido a Deus, tal como nos vem de Fátima, uma extraordinária e consoladora mensagem nos tempos maus que justamente atravessamos?

O culto de Nossa Senhora de Fátima na Alemanha



Imagem de Santa Maria no Santuário de Eich, perto de Munich, na Baviera, onde todos os meses no dia 13 se faz uma peregrinação a Nossa Senhora em união com os peregrinos de Fátima. Em 13 de Março estiveram 85 peregrinos que escreveram ao Sr. Bispo de Leiria felicitando-o pelo dia de S. José, seu onomástico.

O pobre carpinteiro de Nazaré mostramos que, mesmo nas épocas de crise económica, no meio de grandes provações, pode reinar a mais profunda paz. José é o homem que fez a sua propriedade: rezou e ganhou o seu pão quotidiano, deixando o resto confiadamente à Providência Divina. José e sua família eram pobres, mas não sofreram necessidades.

Hoje os cuidados no que é temporal tornaram-se tão grandes! Os pecados do mundo trouxeram tanta maldição sobre as coisas materiais! S. José não apparece em Fátima por causa dos que se afundam no mundanismo, dos que consideram o temporal o último fim da vida. Apareceu por amor de tantos cercados pelas dificuldades da vida, que, apesar dos seus esforços conscienciosos, lhes não corre favorável, afim de ganharem o sustento de modo recto e honrado.

Não é S. José em Fátima para essas pobres criaturas justamente o mensageiro seguro da Divina Providência?

S. José é o provedor das necessidades temporais do Deus Menino.

Confie-mos inteiramente à sua benigna direcção. Foi o fiel sustentador e protector de Jesus e Maria ainda nos dias de maior provação. Será também o nosso sustentador e protector ainda que em volta de nós com a permissão de Deus, do Inferno ruja e estrondeie.

Os «dias são maus». Deus experimenta a humanidade extraviada para lhe mostrar o caminho do seu Senhor e Criador, o caminho da casa paterna.

Dar-nos um sustentador e protector para os dias de castigo de Deus, foi a intenção da misericordiosa Mãe que em Fátima nos mostrou S. José.

(Do «Mensageiro de Fátima»)

S. José, socorrei-nos

Um caso estranho ocorrido na Terra Santa

(Comunicação do Dr. P. Benedikt Stolz, O. S. B., Dormitio, Jerusalém).

O nosso caro amigo e colaborador, Rev.º Dr. P. Benedikt Stolz, O. S. B., manda-nos para o mês de S. José este mimo que decerto não despertará menos grato interesse nos nossos leitores que o do «Milagre do Rosário na Palestina», publicado no n.º 14 do «Bote von Fátima».

A direcção

A Associação das Irmãs do Rosário na Palestina compõe-se unicamente de membros indígenas. É, portanto, muito pobre, visto não receber qualquer auxilio do exterior.

A fundadora, Irmã Alfonsina Danél Ghattas, viveu alguns anos com uma jovem religiosa de nome Francisca num pequenino convento em Belém. Do pouco que tinham davam ainda aos pobres e mantinham no modestissimo estabelecimento seis orfãs. E, todavia, eram felizes por levarem vida de pobres, ali, onde o Deus Menino, num estábulo, nascera duma Virgem pobre.

Como S. José outrora cuidou da Sagrada Família, assim cuidava também daquellas pobres irmãs, que na milagrosa protecção do Santo Patriarca encontraram refúgio, quando a fome e a necessidade as tinham querido assaltar.

Na semana anterior à festa de S. José de 1904, não havendo, a bem dizer, que dar de comer às orfãzinhas, começaram as irmãs uma novena em honra das sete dores e das sete alegrias de S. José.

Chegou-se à véspera da festa e à conclusão da novena sem que socorro algum tivesse sido recebido. Gastas as últimas provisões, não haveria no dia seguinte absolutamente nada que comer. Contudo a Superiora confiava no poderoso pai adoptivo de Jesus. «S. José não nos abandonará; S. José virá em nosso auxilio», dizia ela.

Chegara a noite e caovia torrencialmente. Então ouviram as duas religiosas um leve bater na porta da entrada. Apresaram-se a abrir. Que surpresa! Diante delas estava um desconhecido com um grande fardo às costas, que lhes dizia com afabilidade: «Isto é para as vossas orfãzinhas!»

Quando tal ouviram, as irmãs ganharam coragem e abriram a porta de par em par, afim-de dar entrada ao desconhecido e ao seu volumoso fardo. Nesse momento chovia com tanta força que as irmãs ficaram todas molhadas. Então tiraram o volume dos costas do desconhecido e verificaram que era uma abaije (grande capa beduína) cheia de fruta e hortaliça. — Coisa maravilhosa! Tudo isso, bem como a abaije e o kumbas, a longa túnica do desconhecido, não tinha sido tocado pela chuva, enquanto as irmãs, só de terem chegado à porta, estavam alagadas!

Seguiu-se uma enfiada de perguntas ao amável desconhecido: «Quem te mandou cá? Talvez os religiosos de Tantar?» — «Não sei.» «Ou as irmãs de Hortas?» — «Não sei.» «Ou Abuna Schukri, o pároco de Betschala?» — Sempre a mesma resposta vaga: «Não sei.»

Ofereceram as religiosas uma cadeira ao desconhecido para que descansasse um pouco, mas ele não quis sentar-se.

Entretanto appareceram as orfãs que admiraram a qualidade da hortaliça e da fruta que o homem lhes tinha trazido. Havia cenouras, nabos, alfaces, espinafres e muitas outras coisas. Pegaram as crianças no tesouro preciosíssimo e, acompanhadas da irmã Francisca, seguiram para a cozinha.

Depois de tudo desembrulhado, a irmã dobrou a abaije, notando a sua beleza e perfeito estado de conservação. Era dum amarelo dourado, absolutamente nova; nem sequer a borda estava desfiada. «Que pena» pensou elle consigo, «meter hortaliça num pano desta qualidade e em tão bom estado! Contudo a abaije não estava suja, porque a fruta e a hortaliça se encontravam no maior asseio.

Madre Maria Alfonsina tinha ficado ao pé do desconhecido sem trocar com elle uma palavra. Olhava impressionada aquêle homem alto e magro com uma fisionomia tão suave. Não parecia árabe, porque a sua tez era de notável alvura. O kumbas, branco de neve, com reflexos azulados, era cingido por um cinto azul celeste.

Voltou a irmã Francisca com a abaije e entregou-a ao desconhecido. Este não a pôs aos ombros, como seria de esperar com tão mau tempo, mas passou-a sobre o braço. Perguntando-lhe as religiosas se lhe deviam pagar alguma coisa, respondeu: «Não, obrigado». Saíu-as afavelmente bem como às crianças, e desapareceu na noite escura e chuvosa.

Assim que a porta se fechou sobre elle, olharam-se as irmãs admiradas e exclamaram simultaneamente: «Era S. José!» Quanto lamentavam agora não lhe terem perguntado o nome para obterem a certeza! Mas, não! Não podia haver

dúvida de que fôra S. José quem viera socorrê-las naquela necessidade. No dia seguinte inquiriram contudo as irmãs se alguns dos seus protectores lhes teriam mandado tão valioso presente, mas todos responderam negativamente.

Durante uma semana inteira sustentaram-se as irmãs e as orfãs da excelente dádiva de S. José, e por essa razão dizia muitas vezes a Madre Maria Alfonsina às crianças: «Comei, minhas filhas, dos frutos do Paraíso que S. José nos trouxe». Quanto à irmã Francisca, tinha encontrado entre os frutos miraculosos uma qualidade que não era própria da Palestina, que ella nunca tinha visto e que nunca mais tornou a ver. Eram uns frutos verdes com a forma de batata e gosto muito açucarado. Crús ou cozidos foram saboreados com delícia.

Mais uma vez se provou que a Santa Igreja com toda a razão nos estimula a recorrer a S. José.

Ita ad Joseph! — Ide a José!

(Do «Mensageiro de Fátima»).

Beatus vir — Um homem feliz

Quem nos censurará, se todos os anos, ao aproximar-se a festa de S. José, o pensamento nos voar para muito longe, até à hospitaleira residência do Bispo de Leiria, até ao bondoso Bispo D. José, cuja personalidade produz inesquecível impressão em todo o peregrino de Fátima?

Damos na gravura de hoje S. Ex.ª Rev.ª D. José, cercado pela multidão jubilosa.

Na sua fisionomia, em todo o seu aspecto, está impressa a imensa felicidade do seu coração. Pois não será invejável felicidade para um Bispo possuir na sua diocese um Santuário como Fátima?

O Santuário é obra sua. Poderíamos repetir neste lugar o que já no prefácio da 2.ª edição do nosso livro «Fátima à luz da autoridade eclesiástica» escrevimos: «Na sua visita de estudo a Portugal, em Setembro e Outubro de 1932, teve o autor a oportunidade de, das hospitaleiras salas da residência episcopal de Leiria, lançar um olhar sobre a Oficina Mariana universal desse Bispo, na qual elle não somente honra os seus antecessores na História da Igreja, mas onde, desde os Prelados até qualquer devoto do orbe católico que tenha conhecimento de Fátima, todos ali contemplam, com cordial alegria e sincera admiração, não só uma extraordinária graça da Mãe de Deus, como também o primeiro guia do movimento Mariano, um Prelado que na interpretação das intenções de Nossa Senhora colheu preciosa experiência».

O que aqui afirmamos é a convicção de todo o clero da Diocese de Leiria.

No dia 16 de Maio de 1933 reuniu D. José o clero da sua diocese afim-de deliberar sobre a comemoração do Ano Santo a dentro da diocese. Com a habitual e eloquente mestria expôs o Bispo os seus magníficos pensamentos. O Ano Santo encerra um duplo jubileu: o jubileu da instituição do Santo Sacrificio e do sacramento da penitência e o jubileu das dores de Nossa Senhora, que na diocese é venerada dum modo tão extraordinário depois da preferência que por ella Maria se dignou mostrar. Continuando, falou Sua Excelência Reverendíssima da expansão de Fátima, do movimento que dalli tem irradiado para todo o mundo e da necessidade de desenvolver ainda o culto de Nossa Senhora...

O Vigário-Geral da diocese, Rev.º P.º João Quaresma, proferiu por essa ocasião as notáveis palavras que seguem: «A diocese tem uma grande e dupla dívida a pagar: uma dívida de gratidão para com Deus pelo grande Bispo que nos concedeu e uma dívida de gratidão para com Nossa Senhora que se dignou apparecer na nossa actual diocese».

Quem conhece bem o assunto sabe com que verdade falou o Rev.º Vigário Geral.

Como poderia ser doutro modo? Só um homem poderia levantar um lugar de peregrinação tão importante como Fátima: «Aquele que colheu experiência abundante na interpretação dos desígnios de Nossa Senhora». Nós sabemos da própria boca de S. Ex.ª Rev.ª quão vivos cuidados e quantas noites em claro Fátima lhe tem custado. Se hoje o Santo Padre em Roma declarou Nossa Senhora da Fátima Padroeira da Acção Católica em todo o Portugal, se hoje Fátima é oficialmente o foco da Acção Católica do País, a fonte donde brota o ressurgimento católico e moral — o que de facto é, — se hoje o mundo inteiro corre para Fátima, o mérito é — humanamente visto e dito — do «Bispo de Fátima».

O Céu serve-se do instrumento humano para levar a efeito os seus desígnios. De que serviriam as aparições Marianas, se lhes fallasse a cooperação do homem para lhes dar o valor? A mensagem é enviada do Céu. Ao homem compete reconhecê-la, torná-la produtiva e desenvolvê-la.

Recebeu já D. José neste mundo a magnífica recompensa da Mãe do Céu pelas numerosas peregrinações que como professor de História Eclesiástica no Porto e já como Bispo fez às estâncias

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Pleurisia

Em Abril de 1932 adoeci com uma pleurisia chegando a um estado de fraqueza tal que quasi me não segurava em pé.

A continuar assim não poderia já viver muito tempo.

Vendo-me tão doente e não encontrando alívio nos medicamentos que me receitavam, recorri a Nossa Senhora da Fátima em cuja honra comecei uma novena de Comunhões. No quinto dia da Novena, sentindo-me já muito bem, fui tirar uma radiografia, e notou-se que todo o mal havia já desaparecido!

As forças voltaram rapidamente, aumentou o peso e, passado pouco tempo, retomava o meu trabalho, sentindo-me até agora completamente bem.

Agradeço também a Nossa Senhora ter alcançado a saúde para meu marido que esteve prestes a morrer com uma doença interior.

Isabel M.^a Pereira Ferreira
R. Bartolomeu Dias — Lisboa.

Carbúnculo maligno

No dia 8 de fevereiro apareceu-me na cara um tumor. Amedrontada com ele, imediatamente fui consultar o médico, que, depois de me examinar a cara disse que o tumor tinha muito má aparência. Nesse mesmo dia foi queimado mas continuou a desenvolver-se dilatando-se para os lados, a ponto de ter de ser tratado diariamente pelo médico. Levei algumas injeções de soro anti-carbunculozo, mas a febre cada vez era mais alta.

Cheguei a um ponto tal de fraqueza que já não podia com os tratamentos. O médico perdeu também a esperança de me curar. Foi então chamado outro Médico, com autorização do primeiro. Conferenciando acerca do meu estado deram-me como perdida, dizendo que só por milagre me poderia salvar.

Foi então, em hora de tão grande tristeza, que eu, minha família e algumas pessoas amigas recorremos a Nossa Senhora da Fátima encomendando-lhe a minha cura.

Comecei também a beber de vez em quando água do Santuário, e a febre foi baixando sensivelmente até que desapareceu por completo. A ferida que o tumor produziu na cara cicatrizou já, encontrando-me hoje completamente curada graças a Nossa Senhora da Fátima.

Maria Rosa Alfaiate

Rexaldia.

Cegueira, paralisia e eczema

Em 1925 tive três doenças, todas de gravidade.

A primeira delas foi a cegueira. Três meses depois tive uma paralisia ficando entredada de pés e mãos, estado que se prolongou durante onze meses.

Ao fim desse tempo tive um eczema silfítico que me encheu de chagas deitando abundante e nojento puz. O meu estado era tal que o médico aconselhou-me a entrada no Hospital a ver se lá conseguia curar-me.

Entreí no Hospital de S. José onde estive dez meses. Foi aí tratada pelo Sr. Dr. Simões Ferreira, que empregou todos os esforços para me salvar.

Eu, porém, sentia-me cada vez pior.

Um dia em que me encontrava pior, chegou-se junto de minha cama uma senhora dizendo-me que me entregasse com fé à Virgem Nossa Senhora da Fátima, que lhe rezasse muito, porque Ela que fazia muitos milagres talvez se compadecesse de mim também. Mas eu que não sabia rezar, só lhe pedi que me curasse e prometi-lhe que, se a minha cura se realizasse, iria pedir uma esmola para poder ir visitá-la ao seu Santuário da Fátima.

No dia seguinte comecei a sentir-me melhorizada, e daí a poucos dias comecei a levantar-me.

Logo que o médico me viu mandou-me embora, porque, dizia, a minha cura era impossível.

Em seguida fui ao Hospital de S. Marta. Aí recomendaram-me muitos banhos para o eczema, mas nada me fazia bem. Fizera-me análises diversas, mas nada mostrou qual seria para mim o remédio eficaz.

Por fim disseram-me que nada mais tinham a fazer-me, pois haviam já experimentado tudo quanto julgavam eficaz.

Vendo-me assim perdida, mais uma vez recorri a Nossa Senhora da Fátima, e no dia 12 de Maio de 1927, com o Sr. António Cabral Pinto, membro da Conferência de S. Vicente de Paulo, e com a Sr.^a D. Maria de Figueiredo, parti para Fátima.

Chegados lá, levaram-me para a Capelinha das Aparições onde fiquei toda a noite. As onze horas da noite trouxeram-

to despediu-se Sua Excelência de mim com um afectuoso abraço paternal. No meu coração a memória desse nobilíssimo Príncipe da Igreja, com a minha

me alguma água do Santuário com a qual me lavei algumas vezes durante a noite.

No outro dia fui receber a bênção dos doentes e, imediatamente me senti muito melhor, graças à Virgem Nossa Senhora da Fátima. As melhoras aumentavam de dia para dia encontrando-me há muito tempo já completamente curada.

Já visitei 13 vezes a Virgem Santíssima no seu Santuário da Fátima, onde espero voltar todas as vezes que isso me seja possível, sempre em acção de graças pelo extraordinário favor que me alcançou do Céu.

Beco de S. Luís — Lisboa.

Escolástica Nunes

Graças diversas

— Amélia P.^a Borges — Lisboa, tendo recebido por intercessão de N.^a Senhora da Fátima diversas graças particulares, deseja agradecer-las por meio da Voz da Fátima, conforme prometeu ao fazer os seus pedidos a tão carinhosa mãe.

— Albertina Ferreira — Lisboa, depois de, sem resultado, ter recorrido a diversos médicos, por fim, desenganada pelos mesmos, recorreu a Nossa Senhora para que a livrasse de seus cruéis sofrimentos, e tendo obtido a cura vem agradecer-lhe a Nossa Senhora, do íntimo do seu coração.

— António José da Cunha — Cabeceiras de Basto, agradece a Nossa Senhora o ter despachado o seu pedido em favor de um seu filho de 5 meses que estava gravemente doente.

— Perpétua Cândida Rodrigues — Gonjoim, agradece a Nossa Senhora uma graça temporal.

— Leonor F. Avila — Açores, diz o seguinte: «Muito reconhecida para com Nossa Senhora da Fátima agradeço, como prometi, no seu jornalzinho, diversas graças que por tão boa mãe me foram concedidas do Céu.

— Berta Osório Amador — Vilar do Dão, cheia de reconhecimento a N.^a S.^a pela cura de uma sua filha gravemente doente, pede lhe seja permitido manifestar aqui o seu agradecimento a tão valiosa intercessora que todos temos no Céu.

— Dr. Manuel da Mota Cardoso — Médico em N. Cuto-Angola, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça espiritual.

— Joaquina P. Gil — Benquerença, sofreu muito e durante muito tempo com um pequeno tumor que lhe apareceu numa das faces. Diversos medicamentos foram aplicados, mas sem resultados sensivelmente satisfatórios. Por fim, confiou a sua cura a Nossa Senhora da Fátima, obtendo em pouco tempo a saúde que desejava.

— Maria Leonarda Vas Figueiredo — Tavira, sofreu durante tanto tempo e tão gravemente que os médicos desenganaram-na da cura. Nesse estado tão grave, a doente e diversas pessoas de família e amigos recorreram a N.^a Senhora da Fátima em seu favor alcançando a cura que pediam.

— Américo Pinheiro dos Santos — Pôrto, tinha o coração dilatado causando-lhe graves e dolorosos sofrimentos. Da medicina nada conseguira que a libertasse de seus sofrimentos; mas por meio de uma novena a Nossa Senhora da Fátima, obteve do Céu a cura do seu mal.

— Rosa de Viterbo Lopes Varela — Aviz, agradece a N.^a S.^a da Fátima a cura de seu neto José Lopes. Esteve muito perigoso com uma pneumonia com outras complicações. Com alguma água da Fátima que bebeu e uma novena a Nossa Senhora obteve a sua cura.

— Maria Florinda Nunes S. Guedes — Alto da Vila, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça muito grande que de suas maternas mãos acaba de receber.

— Carminda S. Cruz — Chaves, agradece uma graça particular.

AVISO

Quando enviardes quaisquer quantias para «Voz da Fátima» ou para o Santuário, é favor não virem com valor declarado, aliás obrigar-nos-eis a ir levantá-las a uma distância de 13 quilómetros, pelo menos, o que nem sempre é fácil nem económico.

Podeis enviar as vossas esmolas em carta registada, ou melhor ainda, em vale do correio pagável em Vila Nova de Ourém.

mais profunda gratidão, subsistirá indelevelmente...

(Do «Mensageiro de Fátima».)

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA EM BADEN

Excerto duma carta endereçada ao Sr. Dr. Luís Fischer pelo pároco de Forst (Baden), a propósito da chegada à sua freguesia duma Imagem de N. Senhora de Fátima, executada em Portugal.

«Na alfândega tudo correu bem. Não foi necessário descaixotar a Imagem e pudemos colocá-la logo no automóvel que a havia de conduzir à Igreja. Quatro homens ajudaram-me, com todo o cuidado, a pô-la sobre o altar. Dir-te-ei aqui, muito em segredo que, quando durante alguns instantes, estive a sós com Ela na alfândega, me apressei a apresentar-lhe os meus cumprimentos de boas-vindas. Sim-to-mo intimamente feliz por ter sido eu o primeiro a saudá-la.

Os jornais, mesmo aqueles que não são favoráveis à nossa causa, escreveram artigos laudatórios sobre N. Senhora. Eu já contava com isso, mas a realidade excedeu toda a minha expectativa. Numa palavra, foi um verdadeiro acontecimento para a nossa freguesia. Uma santa paciência se tinha apoderado de todos. O caso era contado e comentado nos estabelecimentos e nas ruas, fazendo isso nascer, em todos, um grande desejo de a ver. Dai um nunca acabar de mulheres com seus filhinhos ao colo, de rapazes, homens e raparigas.

No primeiro momento lançavam sobre a Imagem apenas um olhar de curiosidade mas, logo em seguida, ajoelhavam com tanto fervor e devoção que parecia não poderem mais desprender-se daquele lugar. Há na Imagem qualquer coisa de extraordinário que nos prende e nos

Beato Nuno de Santa Maria



Estátua segundo o modelo da falecida escultora Maria do Carmo dos Santos Pereira de Vasconcelos, discípula do Sr. Teixeira Lopes e oferecida ao Santuário pelos Irmãos Dr. Francisco, Maria Isabel e Maria José de Vasconcelos. Foi benzida pelo Sr. Bispo de Leiria e colocada na Capela das confissões dedicada a Nossa Senhora do Carmo.

atravé — comentava uma mulherzinha do povo.

Até já de bastante longe vem gente para a visitar. Recebi também, há dias, uma carta em que se dizia: «Desejaria mudar a minha residência para Forst para estar sempre aos pés de N. Senhora de Fátima.

Os meus paroquianos querem, por meio das suas orações, obrigar N. Senhora a converter-se numa fonte de graças para a nossa freguesia e para a nossa pátria.

Na verdade, todos nós temos em mente um grande plano — é fundar aqui por intermédio de Fátima uma verdadeira Schönstatt. (1)

(1) Designa-se Schönstatt um movimento religioso fundado na Alemanha por sacerdotes e leigos sob o patrocínio da «Mater Admirabilis».

A felicidade e a desgraça, a alegria e a tristeza alternam-se na vida, como o sol, e a chuva na natureza. Cada prazer é o precursor de uma desventura.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte	430.558\$57
Papel, comp. e imp. do n.º 138 (53.600 ex.)	2.747\$32
Franq., embal. transp. etc.	1.220\$55
Na Administração	34\$80

Soma 434.561\$24

Donativos desde 15\$00

Dulce Martins — Caldas da Rainha, 15\$00; Manuel de Oliveira — América, 20\$60; Norberto de Sá — América, 20\$60; Maria P. Rosa — América, 20\$60; Maria Rezendes — América, 20\$60; António Rocha — América, 20\$60; Francisco Santos — América, 20\$60; Carolina Rego — América, 20\$60; Maria Macedo — América, 20\$60; Cristiana da Silva — Cascais, 20\$00; Alzira Teixeira — Mafamude, 20\$00; Ermelinda Leite — América, 2 dólares; Alberto Quita — Alc. do Sal, 20\$00; Delmira Cobra — Alc. do Sal, 20\$00; Firmiano Alves — Moura, 20\$00; Francisco J. Camêlo — Estremoz, 20\$00; Alfredo Pacheco — Coimbra, 15\$00; Maria Isabel Russo — C. de Vide, 25\$00; P.^a Augusto Firmino — Almada, 20\$00; Distrib. em Almada, 50\$00; Elisa do Resgate — Belas, 15\$00; Amélia Bettencourt — Guala, 20\$00; Joaquim Aug. Borges — Lagôa, 20\$00; João Melo — Lagôa, 20\$00; Manuel da Ponte — Lagôa, 20\$00; João Pimental — Lagôa, 20\$00; Margarida Almeida — Gerales, 20\$00; João Severino — Açores, 20\$00; António Cabral Pinto — Lisboa, 110\$00; Plácido da Fonseca — Brasil, 20\$00; Eduardo Monteiro — Brasil, 20\$00; P.^a José Leonardo — Açores, 20\$00; Ana de Carvalho — Torre de D. Chama, 20\$00; Felisbela Loureiro — Nelas, 15\$00; N.º 7778 — Açores, 20\$00; Aurélia Val — Lisboa, 20\$00; Maria da Boa Hora — Turcifal, 20\$00; Boaventura Pinto — Recarei, 20\$00; António Martins — Recarei, 20\$00; Isabel Almeida — Lisboa, 20\$00; Maria Ventura — Lousã, 88\$00; Maria da Ascensão — Boidobra, 20\$00; António Rodrigues — Lisboa, 20\$00; Albertina Queiroz — Matosinhos, 20\$00; Filomena Leoni — Belas, 20\$00; P.^a José da Cruz — Oleiros, 30\$00; Berta Delgado — Hotel Lusitano, 20\$00; Maria de J. P.^a — Penedono, 20\$00; P.^a António M. Alberto — Lobito, 50\$00; P.^a Asdrúbal Cast. Branco — América, 46 dólares; Rosa Serra Afonso — Gaia, 20\$00; Joaquim Ramalho — Lisboa, 20\$00; Gertrudes Pinto — Estoril, 20\$00; Ester Guimarães — Lisboa, 20\$00; Benjamin Ferreira — Borba, 20\$00; Paulo F. Pereira — Damão, 15\$00; Miguel Fialho — Moura, 20\$00; Maria Gomes — França, 15\$00; Felia F.^a Alves — Açores, 20\$00; Associação de N.^a S.^a da Fátima — Vila Viçosa, 100\$00; Maria Patrício — Coruche, 20\$00; Laura Teixeira — Coruche, 20\$00; P.^a Luciano Cutileiro — Lavre, 120\$00; Maria Luiza Rocha — Paredes, 15\$00; Luiza Dias Fontes — América, 2 dólares; Augusto da Costa — Brasil, 30\$00; Maria Graça de Oliveira — Lisboa, 30\$00; Elvira Duarte — Lisboa, 30\$00; Luiz da Costa — Brasil, 15\$00; Conceição Povoas — Rio Tinto, 15\$00; José Ferreira — Viseu, 100\$00; Saturnina Meireles — Figueira da Foz, 20\$00; Celeste M.^a de Sousa — At.^a da Balcia, 120\$00; Albino Ribeiro — Brasil, 15\$00; Albino de Deus — Brasil, 15\$00; João Baptista — Brasil, 15\$00; António Português — Brasil, 15\$00; Benedito Peregrino — Brasil, 20\$00; José Lourenço — Brasil, 15\$00; António Putado — Brasil, 15\$00; Abílio Dias — Alfena, 20\$00; Perpétua Barradas — Ponte do Sôr, 20\$00; Maria Tinoco — Galizes, 20\$00; Instituto de N.^a S.^a da Fátima — Damão, 36\$50; Cassiano Leal — Pôrto, 50\$00; Vitorino Coelho — Flães, 20\$00; José Domingues — Brasil, 15\$00; Assinante, por intermédio de Ant. D. Silva — Açores, 20\$00; José Mendonça — Loriga, 20\$00; Georgina Lopes — Azurara, 20\$00; Izaura Areias — Braga, 15\$00; P.^a Manuel M. Cêpa — Alvarães, 100\$00; M.^a S. de Matos — Pedrouços, 80\$00; N.º 3558 — ?, 20\$00; N.º 9912 — ?, 20\$00; Ant.^a F. Lourenço — Sertã, 60\$00; Virgínia Trigo — Carrazeda, 20\$00; Augusto Jorge Moreira — Lisboa, 100\$00; M.^a Ferr.^a Marques — Pôrto, 25\$00; Helena Carneiro — Pôrto, 15\$00; M.^a Guimarães Cunha — P. de Coura, 20\$00; Joana E. de Faure — Pôrto, 15\$00; anónimo de Paredes de Coura, 50\$00.

UM PEDIDO

1.º — Não esquecer que só podem ser atendidas as reclamações dos Srs. Assinantes que junto a elas nos enviarem o número da sua assinatura. Sem isso serão inatendíveis as vossas reclamações.

2.º — Quando escreverdes para a «Voz da Fátima», sobre qualquer assunto, assinaí a vossa carta ou o vosso postal exactamente com o nome e sobrenomes que vão no endereço do jornal que recebeis.

CRUZADOS DE FATIMA

LUGAR PARA TODOS

Uma caixa de fósforos por mês

A organização dos *Cruzados de Fátima* vem satisfazer uma aspiração de muitas centenas de milhares de almas, que amam a Deus e amam a sua Igreja e desejavam, mas não viam, maneira de servir a Deus e à Igreja, melhor do que na prática ordinária da sua vida religiosa.

Orar — já todos o podiam fazer.

Trabalhar — nem todos porque nem todos podiam talhar nas suas ocupações obrigatórias ordinárias um pouco de tempo para o consagrarem a qualquer obra de acção católica.

Agora todos, absolutamente todos podem trabalhar!

Porque numa guerra não trabalham só os generais traçando planos, os oficiais transmitindo-os aos soldados e os soldados em frente do inimigo nas primeiras linhas!

Quando um país mobiliza todas as suas forças para repelir uma agressão pelas armas, trabalham também os que contribuíram para a guerra com o nervo dela, que é o dinheiro. Trabalham todos os contribuintes, porque as munições e mantimentos que tornam possível a luta nas linhas de fogo, não é lá que se preparam, é em todo o país com as contribuições de todos.

Declara-se guerra de morte à Igreja, guerra a Deus, que se pretende arrancar do coração dos crentes, como a sua imagem se arrancou dos edifícios públicos e o seu nome dos livros com que nas escolas se ensinam as crianças. E a essa guerra ofensiva temos de responder com todas as armas que os nossos inimigos empregam. Soou em Portugal a hora da mobilização geral dos católicos para essa guerra defensiva, para defesa da sua fé, da sua moral, dos seus costumes, ameaçados com esses ataques a tudo quanto constitui a essência da civilização cristã.

Pois nessa guerra há lugar para

todos, todos devem e todos podem tomar parte nela.

E é esse o programa dos *Cruzados de Fátima!*

Todos podem orar, como até aqui têm orado, pelo triunfo dos que em todos os campos são os defensores dos direitos de Deus na sociedade e da liberdade para a sua Igreja, para que ela no meio das convulsões que agitam a sociedade, possa exercer a sua acção benéfica e fecunda.

Mas hoje abre-se um campo novo de acção em que podem e devem trabalhar todos. Todos!

Porque se trata das provisões e munições e a quota que se pede a cada *Cruzado* que não pode correr às primeiras linhas a combater é tão pequena, que não há ninguém absolutamente ninguém que não possa alistar-se e trabalhar sem sair de sua casa, quer viva numa cidade, quer viva na mais remota aldeia das nossas planícies ou montanhas!

Vinte centavos por mês!

O preço de uma caixa de fósforos! E pensar que cem, duzentas, quinhentas mil quotas dessas — que cada um que a paga não sente sair do bolso, que até um mendigo pode pagar! — pensar que cem, duzentas, quinhentas mil quotas de 20 centavos representarão dentro de pouco tempo, não umas dezenas de fósforos de luz de pouca dura, mas centenas, milhares, milhões de folhas soltas, de brochuras, de jornais, que irão levar a luz de Cristo a tantas almas, que só por andarem imersas nas trevas do erro, desconhecem, desprezam ou odeiam a Deus e à sua Igreja, que é hoje, como foi sempre, o refúgio e a salvação da humanidade nas horas mais graves da história!

Que nem um só católico português deixe de dar, para dissipar essas trevas, a sua quota mínima de *Cruzado de Fátima* — o preço de uma caixa de fósforos: vinte centavos!

UM SINAL, NÃO!

Por todo o país está-se já organizando a grande massa dos *Cruzados de Fátima!* Com as suas orações e as suas quotas — tão pequeninas que ninguém pode alegar, para as não dar, o pretexto de falta de recursos — os *Cruzados de Fátima* serão a maior força activa organizada em Portugal, para o bem, e poucas semanas bastarão para que suplantem em número e força o número as forças activas organizadas para o mal.

Há poucos anos um maioral bolchevista enviado a Portugal para estudar o nosso meio, partiu desconsolado, afirmando que por muito tempo ainda não seria possível fazer de Portugal um «paraíso bolchevista», porque a grande massa dos seus habitantes é crente e detesta essa «civilização» sem Deus que da Rússia se pretende impôr ao mundo. E as organizações avançadas portuguesas, por confissão dos seus, não contavam nos melhores tempos nas suas filas nem uma centena de milhar de afiliados activos!

Pois mais do que isso se vê tantas vezes em Fátima!

Que nos falta? Que sejamos activos! Que essas massas profundas despertem, se organizem e compreendam a força imensa que representam, força benéfica, força de paz, força a que só se dá o nome guerreiro de *exercito*, porque realmente do outro lado se não procura por meios pacíficos esclarecer-nos, se estamos em erro, mas se declara guerra, e guerra atroz e sem quartel, às nossas crenças, à nossa Igreja, ao nosso Deus!

Somos uma força imensa e só não

temos feito valer essa força, porque não temos consciência dela!

Temos de recordar, mais uma vez, o que sucedeu um dia no Senado Romano. A civilização romana asentava na existência dos escravos; os escravos eram os operários daquele tempo, eram *coisas* não eram *peçoas*, pertenciam em domínio absoluto, aos senhores, que pagavam direitos alfandegários por eles como por gado e outros objectos — e a multidão dos escravos era enorme. Havia senhores opulentos que tinham tantos escravos, como esses milhares de operários que hoje se aglomeram em torno das grandes fábricas.

Pois bem: um dia no Senado romano lembrou-se um senador de propor, que para se diferenciarem os homens livres dos escravos, estes ostentassem um distintivo!

— Um sinal, não! foi, em resumo, o resultado da proposta. — Um sinal, não, porque no dia em que os escravos virem quantos são e compararem o seu número com o nosso, seremos por eles esmagados!

Ostentemos nós com orgulho o nosso distintivo de *Cruzados de Fátima!* Não queremos esmagar ninguém, antes queremos ver surgir mais amor, mais harmonia, mais fraternidade no meio da sociedade portuguesa, retalhada por tantas discórdias, por tantos ódios. Não queremos esmagar ninguém! Mas também não queremos ser esmagados!

E porque somos o número, e porque unidos somos a força, conheçamo-nos pelo nosso distintivo, unamo-nos e contemo-nos pela quota insi-

gnificante, que representa o nosso laço material nas filas dos *Cruzados* — e não só não seremos esmagados, mas faremos raiar sobre a nossa pátria dias de mais bonança, de mais alegria, de mais bem estar.

Nunca portugueses temeram, em lutas que abundam na nossa história, defrontar-se com inimigos superiores em número! Seremos nós portugueses tão degenerados que receemos nestas lutas incruentas defrontar-nos com inimigos, que por mais que façam serão sempre, comparados conosco, infima minoria!

Um sinal, sim! Um sinal, um distintivo de *cruzado* para cada português católico, que sente que é chegada a hora de empregar novos meios,

mais poderosos meios, para contrabater dentro das nossas fronteiras essa propaganda que vem soprada da Rússia, propaganda de ateus que tendo acumulado misérias na sua terra, querem ainda produzi-las na terra alheia!

Se há poucos anos esse maioral bolchevista foi de cá desconsolado — unamo-nos, contemo-nos, organizemo-nos para o trabalho e dentro de poucos anos uma verdadeira inundação de luz terá iluminado os que infelizmente já se deixaram arrastar para as falanges do mal.

Avante! Que dentro em breve a direcção dos *Cruzados de Fátima* possa anunciar que distribuiu o seu centésimo milésimo distintivo!

NOTÍCIAS DOS CRUZADOS

ORGANIZAÇÃO

Iniciou-se já a organização dos «*Cruzados de Fátima*» em várias dioceses. Por enquanto vai à testa a arquidiocese de Braga onde estão organizadas até ao presente 94 trezenas, num total de 1.222 *Cruzados*. Há três pessoas que se remiram com a quantia de 200\$00.

Trabalha-se também activamente nas dioceses do Porto, Évora, Beja, Portalegre, Faro e Bragança.

Já se gastaram os primeiros cinco milhares de patentes.

Directores diocesanos

Em Braga: Director diocesano P.^o Domingos Gonçalves.

No Porto: Director Diocesano P.^o António Brandão, secretário P.^o An-

gelino Soares Lema. (Rua do Triunfo n.º 286 — Pórtio).

Em Braga: Director Diocesano P.^o Domingos Gonçalves (Oficina de S. José Guimarães); secretário P.^o José Ferreira; tesoureiro P.^o Manuel Novais Varela (Seminário Conciliar — Braga).

Em Portalegre: P.^o José Bento Correia (Paço Episcopal — Portalegre).

Em Évora: Director Diocesano Cônego Joaquim Maria Rosa Palma; secretário Dr. Francisco Maria da Silva (Paço Arquiepiscopal — Évora).

Em Bragança: Dr. António Maldonado Pires (Seminário — Bragança).



Retiro espiritual dos Servitas e Vicentinos no Santuário de Fátima de 10 a 14 de fevereiro de 1934.

A OBRA DAS TREZENAS

Como os nossos presados leitores podem ver noutro lugar desta Página, onde se publica uma notícia do que se tem feito em ordem à organização dos «*Cruzados de Fátima*», os progressos que esta benemérita obra auxiliar da Acção Católica realizou até hoje são sobremaneira consoladores.

O toque a reunir do venerando Episcopado, quando êle, em boa hora, soltou o pregão da Cruzada Nacional da Acção Católica, suscitou por toda a parte admiráveis boas vontades, generosas dedicações, santos e salutarens entusiasmos. Nas regiões do norte, centro e sul do país, apóstolos fervorosos da boa causa rivalizam em zelo e esforço para lançarem em bases sólidas a grande obra das Trezenas. Estão já constituídas centenas delas, e, por isso, neste momento, os *Cruzados de Fátima*, nobres e dedicados pioneiros da causa de Deus e da Pátria, formam já uma legião dalguns milhares de soldados.

São as regiões do norte, onde a densidade da população é maior, a fé mais viva e a piedade mais ardente, que caminham em maior número na vanguarda deste movimento.

É a Guimarães, o bérço da nossa nacionalidade, que cabem, como sempre, quando se trata da glória de Deus e do bem das almas, os louros invejáveis da primazia. O trabalho de organização, de sua natureza difícil e moroso, sobretudo nestes tempos de crise económica que vamos atravessando, continua a fazer-se lenta mas seguramente, em todas as dioceses. Os reverendos Párcos são, por direito de nobreza e por dever do seu cargo, os criadores da obra das trezenas nas suas respectivas freguesias e os impulsionadores e animadores da actividade dos chefes de trezena. É a eles, os representantes directos dos venerandos Prelados, que compete manter e alimentar o espírito sobrenatural que inspirou a fundação desta obra auxiliar da Acção Católica e

que a há-de informar até à medula. São eles que devem conservar sempre viva e sempre pura a chama sagrada do zelo que inflama os leigos de boa vontade e os estimula a auxiliar o clero na propaganda e difusão das trezenas.

Se o entusiasmo ardente dos primeiros tempos não esfriar e se todos os párcos sem excepção, não obstante o pessimismo que em certos meios bastante ingratos não pode deixar de os tentar, trabalharem com zelo e perseverança, sem desfalecimentos nem desânimos, na medida ao seu alcance, dentro de pouco tempo Portugal, país pobre e pequenino, mas de grande alma e de grande coração, será sem dúvida o país onde a Cruzada da Acção Católica disporá proporcionalmente de mais abundantes recursos materiais para a realização e manutenção das numerosas obras que lhe incumbe criar e auxiliar para dar Deus às almas e as almas a Deus.

Que Nossa Senhora de Fátima abençoe e ajude e se digne recompensar com as graças mais preciosas e mais escolhidas do seu Coração maternal todos aqueles que se empenham nesta tarefa, tão bela como salutar, que, se interessa profundamente ao bem da Igreja, não interessa menos ao bem da nossa Pátria, diante da qual se abrem agora, mercê de Deus, horizontes desanuviados e prometedores de dias felizes e gloriosos como os doutras eras da nossa história oito vezes seculares.

Visconde de Montelo

PIA UNIAO

dos

CRUZADOS DE FATIMA

Que é?

Uma associação auxiliar da «Acção Católica Portuguesa».

Que pretende?

1.º — Promover a santificação dos Cruzados de Fátima;

2.º — Interceder junto de Nossa Senhora de Fátima pelas necessidades da Acção Católica, especialmente em Portugal;

3.º — Colaborar, especialmente pela oração e pela esmola, com a Acção Católica para a dilatação do reino de Deus;

4.º — Orar pelos Cruzados de Fátima e pelas almas do Purgatório, especialmente dos Cruzados falecidos; pela conversão dos pecadores, pelos doentes e por todas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora de Fátima; pelas missões entre cristãos e infieis, especialmente nas colónias portuguesas.

Para conhecer os fins, métodos e organização da Acção Católica, convém adquirir o **Manual da Acção Católica**, de Mons. Civardi, tradução portuguesa do Dr. Aires Ferreira. À venda na «União Gráfica», Rua de S.^{ta} Marta, 158 — Lisboa. Preço, 10\$00; pelo correio, 11\$30